

Ygor Moretti Fiorante – 0

Poema e nada mais

Os pés passavam,
estiveram e permaneciam
por todo sempre, em sua perssistência de
se afastar das coisas.

O corpo como se apenas restasse o seu torso
se mostrava besta,
cego de olhos de pernas, olhos das mãos,
nem os cabelos algo observava, abraço impossível.

Os olhos viam todas as impossibilidades,
e as possibilidades ainda não computadas,
demarcadas ao grupo de devaneios
encaixotados mais ao fundo.

Os olhos permaneciam
como se oniscientes.
Mas negavam qualquer duro reflexo
impregnados na retina.
Lembravam-me das duras filosofias,
o caminhar pragmático das ultimas alegrias,
era preciso burlar os sentidos,
acreditar na dor, a dor que se desenhava ultra-possível.

Havia ainda um cipreste,
que os olhos observadores-cansativos,
faziam suprir qualquer impossibilidade,
as glândulas e os mecanismos gritavam,
gritavam também os sistemas cálculos e composições.

Nem uma outra alucinação,
confusão ou o engano
eram transpostos sobre estas afirmações,
que os meus olhos acompanhavam,

mórbidos de uma repetida onisciência.

Ygor Moretti Fiorante, Um Objeto Quando Esquece